

**Véronique Boyer-Araujo. *Femmes et cultes de possession au Brésil: les compagnons invisibles*. Paris: L'Harmattan, 1993.**

Claudia Fonseca

Professora do Departamento de Antropologia - UFRGS

O livro da etnóloga francesa Véronique Boyer *Mulheres e cultos de possessão no Brasil* traz uma contribuição inovadora a este campo. Observando mulheres paraenses embrenhadas na luta pela sobrevivência e sua participação em cultos de mina, candomblé e umbanda, a autora propõe analisar “o vasto problema da identidade feminina”.

Passando em revista as diversas teorias que dizem respeito a esse assunto – africanidade, estratégia de sobrevivência, mobilidade e adaptação social, alienação etc. –, Veronique insiste na necessidade de flexibilizar o quadro analítico para dar conta da interferência da vida cotidiana na participação religiosa. Assim, em seu argumento, as discussões informais sobre a vida cotidiana, as atividades profissionais, as fofocas, os conflitos familiares, as brigas de vizinho etc. ocupam tanto espaço quanto as conversas com chefes consagrados de cultos.

Ao salientar a preponderância de mulheres entre os clientes e adeptos da umbanda e mina, sugere que é possível discernir nesses terreiros uma visão feminina da sociedade. A autora coloca as perguntas: “como essas mulheres se acham nos terreiros; que tem de especial na experiência que compartilham na comunhão com os caboclos e os exus?”. E, para respondê-las, embarca em uma longa aventura que, passando de histórias de vida até conflitos entre oficiais das federações locais e nacionais, realiza o difícil percurso da contextualização social e política da vivência de pessoas concretas. A análise nunca cai no maniqueísmo. As mulheres aqui não aparecem nem como vítimas nem como heroínas. São atores que sabem tecer sua existência de forma dinâmica usando os diferentes fios da fábrica cultural.

Na primeira parte do livro, “Grupos domésticos e família religiosa”, a autora coloca em perspectiva a enorme importância de laços consanguíneos e a relevância destes para a carreira religiosa de mães e filhos-de-santo. Na segunda parte, encara o médium e o espírito que recebe como “um casal sin-

gular”. Aqui, vemos a complementaridade dos sexos – entre o homem trabalhador (o caboclo) e a mulher quida da retaguarda doméstica (o médium) – enfim realizada. Na parte final do livro, além de aprofundar seu material sobre os “encantados”, elemento que reflete a riqueza cultural da região amazônica, introduz, ao lado do caboclo, a figura do exu, mostrando as duas entidades – caxias e malandro – como o ponto/contraponto da masculinidade brasileira.

Mas é na terceira parte, “Competência ritual e ortodoxia”, que entramos a fundo no caráter “gender-specific” de noções de autoridade e submissão. Pela comparação dos caboclos (da mina) aos orixás (do candomblé), vêem-se perfilar dois estilos distintos de participação religiosa: a *entrega* do médium em transe a seus caboclos, fonte *inspiratória* de saber, e a aquisição do poder mediante um dom *inato* versus preferência do médium pela atuação em “estado consciente” (em que nunca perde o controle), saber localizado na *tradição africana* e poder conferido por intermédio da (muitas vezes custosa) *iniciação* ritual. Lá onde o primeiro atém-se a respeito de uma regra (freqüentemente escrita) dos orixás, o segundo deixa os médiuns livres para compor seus caboclos a partir dos variados elementos do imaginário coletivo.

A autora destaca essas distinções sutis e reveladoras sem perder de vista um dos objetivos principais do estudo: entender a integração dos cultos na sociedade nacional. A multiplicação de seitas não deve obscurecer “a profunda unidade do campo dos cultos de possessão”. Sua aparente heterogeneidade, longe de contestar a unidade, está em acordo com uma concepção fragmentada (“*éclatée*”), pluralista e relacional da noção de pessoa (270). Marc Augé, no seu prefácio ao livro, sublinha o êxito do procedimento analítico escolhido pela autora: “através da guerra dos sexos colocada em cena pelo culto [...] é toda uma parte da sociedade brasileira que acabamos conhecendo”.

Podemos dizer que, nesse livro, os cultos afro-brasileiros de Belém servem como a cartola do prestidigitador, e o conceito de gênero como a varinha mágica. Esta é usada para fazer sair daquela imagens inesperadas que, conforme a fórmula que subjaz nas melhores pesquisas em antropologia desde seu início, casa o particular com o geral e, neste caso, nos proporciona novos *insights* para a compreensão da sociedade brasileira.